

PÊCHEUX E A PLURIVOCIDADE DOS SENTIDOS¹

Silmara Cristina DELA-SILVA

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

“... as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas...” (PÊCHEUX, 1997a, p. 160)

A busca pelo sentido das palavras e dos textos marca os estudos da linguagem desde as teorias pré-saussureanas até as correntes teóricas atuais. À Análise de Discurso, iniciada a partir dos estudos de Michel Pêcheux, na França, durante a década de 60, interessa a análise de como a linguagem em funcionamento produz sentidos.

Para Pêcheux (1997a, p. 161), os sentidos se constituem de acordo com as posições ocupadas pelo sujeito do discurso, determinadas pelas condições históricas e ideológicas. Desta forma, o sentido não é dado a partir da compreensão de significados isolados, contidos em palavras ou expressões. Os sentidos possíveis são constituídos pelas formações discursivas, “nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva”.

A concepção de que a linguagem em funcionamento não é transparente e de que os sentidos não são dados pela simples atribuição de um significado a cada significante implica em um novo ponto de vista para os estudos lingüísticos, que relaciona a estrutura lingüística ao acontecimento discursivo. A univocidade pretendida pela leitura com foco na busca de um sentido único, a ser encontrado

¹ Artigo apresentado durante o I Seminário de Estudos em Análise de Discurso, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, durante debate ao texto Lire l’archive aujourd’hui.

pelo leitor, é substituída pela compreensão de que os sentidos são múltiplos e condicionados também a fatores extralingüísticos.

Inicialmente determinada por práticas pedagógicas, a leitura de arquivos restrita à busca de um sentido unívoco é a prática mais comum nas diversas áreas de conhecimento, sendo empregada tanto nas instituições de ensino, responsáveis pela formação de novos leitores, quanto na imprensa, que tem como finalidade a divulgação de acontecimentos na sociedade, contribuindo para a formação de opinião e a constituição da memória de um povo.

Na maior parte das instituições de ensino, a leitura é ensinada aos estudantes como um método de busca a um sentido único, a ser descoberto a partir da compreensão de cada um dos termos que compõem um dado arquivo. Distante da concepção da Análise de Discurso, em que a plurivocidade faz com que os sentidos sempre possam ser outros, trabalha-se com uma posição estruturalista da linguagem, em que a uma dada construção corresponde um referente fixo, a ser encontrado pelo aluno ao final da leitura. A estrutura, portanto, se sobrepõe ao acontecimento discursivo.

A prática da busca pelo sentido unívoco, disseminada nas salas de aula desde a alfabetização, é reproduzida em outras instâncias da sociedade, como na imprensa, responsável pelo registro dos acontecimentos contemporâneos. O discurso jornalístico se apresenta como a verdade e tem como objetivo o relato imparcial dos fatos. Nessa prática, não há espaço para a plurivocidade dos sentidos, para as versões por meio das quais os sujeitos se deparam com o real. Segundo Pêcheux (1990, p. 29),

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como o universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...), 'há real', isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser 'assim'. (O real é o impossível... que seja de outro modo). Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra.

O jornalista, responsável pelo relato de fatos cotidianos que constituirão a história de uma época, busca a verdade, com a concepção de que é possível descrever a realidade. Pelas várias versões de um mesmo fato, relatadas pelos sujeitos envolvidos na situação, o profissional da imprensa tem como objetivo encontrar a realidade que será transmitida à sociedade e constituirá a sua memória.

Essa busca pela verdade começa a ser ensinada ainda nas salas de aula, quando aos alunos são solicitadas interpretações de textos e cobradas respostas idênticas, fruto de interpretações únicas. A prática desconsidera a subjetividade e o momento histórico de cada sujeito, que devem ser levados em conta para a compreensão de como o discurso constitui sentidos.

A crítica à prática de leitura que tem como objetivo a busca pelo sentido unívoco, exposta por Pêcheux, inicialmente, em *Ler o arquivo hoje* (1997b), é desenvolvida em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (1990), datado de 1983. Em resposta à proposta de que ao analista de discurso caberia uma redefinição do conceito de leitura, Pêcheux afirma que o saber está relacionado às filiações históricas do sujeito. Como a própria Análise de Discurso, a história é assumida como uma disciplina de interpretação. Em sua crítica, o autor (1990, p. 42) afirma que é necessário “parar de supor que ‘as coisas-a-saber’ que concernem o real sócio-histórico formam um sistema estrutural, análogo à coerência conceptual-experimental galileana”.

A prevalência do sentido único nas diferentes instâncias sociais é atribuída pelo próprio Pêcheux à tendência do ser humano à univocidade. Essa necessidade do que ele denomina “mundo semanticamente normal” tem início na relação de cada sujeito com a sua realidade imediata. Segundo o autor (1990, p. 33),

O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os ‘simples particulares’ face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa

mutiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis etc) até 'as grandes decisões' da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y etc) passando por todo o contexto sócio-técnico dos 'aparelhos domésticos'.

Para eliminar a plurivocidade dos sentidos e alcançar o efeito pretendido, a sociedade atual desenvolveu estratégias de classificação dos espaços discursivos. Pêcheux (1990, p. 31) os denomina espaços discursivos logicamente estabilizados, em que “supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação”. Dessa forma, ao conhecimento contido nos livros corresponde um real homogêneo, que pode ser ensinado ao estudante. Da mesma forma, o jornalista se empenha na busca da verdade dos fatos, como se fosse possível cercar os sentidos com a narração da realidade aos seus leitores e espectadores.

A afirmação de Michel Pêcheux, feita em 1982, ao abordar a situação da leitura de um campo de documentos disponíveis sobre uma dada questão, reflete preocupações ainda atuais para a Análise de Discurso após duas décadas. Como relata Maldidier (2003), a reorganização do trabalho de leitura proposta no artigo de Pêcheux começou a ser abordada no início da década de 80, com a realização, na França, do colóquio intitulado “Materialidades Discursivas”. Ainda hoje, entretanto, permanece como um objetivo dos diferentes campos de estudos e instituições sociais. Como afirma Pêcheux (1997b, p. 59),

No cerne da questão: a ambigüidade fundamental da palavra de ordem mais que centenária 'aprender a ler e a escrever', que visa ao mesmo tempo à apreensão de um sentido unívoco inscrito nas regras escolares de uma assepsia do pensamento (as famosas 'leis' semântico-pragmáticas da comunicação) e o trabalho sobre a plurivocidade do sentido como condição mesma de um desenvolvimento interpretativo do pensamento.

Há duas décadas, Pêcheux constatou que uma das causas da busca pela univocidade dos sentidos era a concepção do discurso como estrutura e não como acontecimento. Como solução, propôs a integração entre os campos distintos de conhecimento, como o literário e o científico, de forma a alcançar “tão fielmente quanto possível” os gestos de leitura de um arquivo dado. Para isso, traz o analista de discurso como peça fundamental por se ocupar do que classifica como uma disciplina de entremeio.

Frente ao trabalho de divisão social da leitura que ainda hoje se instaura, em que, como na Antigüidade, a uns é dada a prerrogativa de ler e interpretar, e a outros, destinada a função de encontrar um sentido único, previamente estabelecido, o propósito de Pêcheux em 1982, de examinar o desenvolvimento das questões envolvendo a análise dos discursos, textos e arquivos, questionando as suas relações com o histórico e o psicológico, devem ser retomadas.

Uma reavaliação dos processos de leitura e a substituição da busca pelo sentido unívoco pela apreensão de gestos de leitura, considerando a plurivocidade de sentidos na relação entre sujeito e história, são sinônimos de profundas alterações nas instituições sociais. Mudanças que tiram de cena grande parte das concepções pedagógicas vigentes, em que o aluno ocupa a posição exclusiva de aprendiz, e a prática jornalística, que tem na busca pela realidade dos fatos o seu único propósito.

Referências Bibliográficas:

MALDIDIER, D. A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. Tradução Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. Gestos de Leitura. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.